



PSICODERMATOSES: AS EMOÇÕES À FLOR DA PELE

Clara Mageste Lourenço¹

Geisa Gabriele de Souza¹

Fernanda Bicalho Pereira²

Magali de Paula Silva Santana³

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A conexão entre pele e mente vem sendo objeto de estudo há anos, uma vez que, a pele, assim como outros órgãos do corpo humano, é suscetível a sofrer com as influências de desequilíbrios emocionais. As doenças crônicas da pele estão relacionadas a fatores emocionais, tais como insônia e ansiedade. Nossa pele muda de acordo com humor e ocasião, mas é como uma roupa que não retiramos. O objetivo desse estudo foi discutir o impacto que as emoções têm em vários âmbitos da nossa vida, especificamente nas doenças de pele. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação remota de um questionário estruturado, por meio da ferramenta Google Forms. A população alvo do estudo foram 30 alunos de graduação da Faculdade Vértice - Univértix em Matipó-MG, selecionados pelo método “bola de neve” virtual. Diante de tantas mudanças que a pele pode sofrer em decorrência das emoções, os resultados da pesquisa apontam que os estudantes têm pouco conhecimento sobre o assunto, ainda assim foi possível observar que fatores emocionais influenciam consideravelmente o surgimento e progressão das dermatoses citadas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicodermatoses; Emoção; Pele.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da psicologia, existem relatos de como a nossa saúde mental impacta a nossa vida, como somos guiados pelos nossos pensamentos e como nossos sentimentos influenciam o cotidiano. “A Psicologia, no âmbito da saúde coletiva, visa a integralidade da pessoa, no seu contexto biopsicossocial e espiritual, almejando melhorar a sua qualidade de vida” (SOUZA *et al.*, 2005).

¹ Graduandos em Psicologia/ Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – MATIPÓ.

² Psicóloga. Mestre em Saúde e Enfermagem. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

³ Psicóloga. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.



A psicologia de Jung diz que a psique em estado de sofrimento pode ser responsável por danos corporais e psicológicos (DIAS, OLIVEIRA, 2013). Esse estado de sofrimento que estamos sujeitos a enfrentar, além de acarretar prejuízos emocionais, também podem influenciar reações físicas, corporais.

Por diversas vezes, surgem em nossa pele danos aparentemente sem explicação, danos esses que podem ser frutos do nosso sofrimento psíquico. A conexão entre pele e mente vem sendo objeto de estudo durante anos, uma vez que, a pele, assim como outros órgãos do corpo humano, é suscetível a sofrer com as influências de desequilíbrios emocionais (DIAS, 2007).

Diante de tantas mudanças que podem ocorrer na pele em decorrência das emoções, o indivíduo pode sofrer sem ao menos saber que tais alterações podem ter relação com o estado psicológico. Posto isso, o objetivo desse estudo é analisar influência do sofrimento psíquico no surgimento e desenvolvimento de doenças psicossomáticas de pele, em estudantes universitários.

Estudos como este são importantes para trazer visibilidade a essa temática, uma vez que as doenças psicossomáticas e questões emocionais costumam ser entendidas como algo que o sujeito tem o poder de controlar sozinho. Existem inúmeros estigmas e rotulações que precisam ser problematizados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trombini e Baldoni (2004) nos apresentam a afirmação de que “o homem é um ser psicossomático”, justificando-a com o fato de que, para esses autores, corpo e mente, apesar de serem dimensões distintas, fazem parte de um só organismo.

A palavra psicossomática tem sua origem etimológica em duas palavras de origem grega, *psique*, que significa alma, e *soma*, que significa corpo. Ou seja, a psicossomática é uma área de conhecimento que estuda as relações entre o corpo e a alma. Doenças consideradas psicossomáticas seriam aquelas nas quais é possível identificar relações entre o psiquismo do sujeito e consequências físicas no corpo (BRANDAO, 2020). O mesmo autor afirma que se estima que aproximadamente 5%



da população mundial sofre de algum tipo de doença psicossomática e que as mais afetadas são as mulheres.

Há sentimentos e emoções que ficam ocultas devido às dificuldades de dizer não, medo, tristeza, raiva ou não conseguir expressar sentimentos ruins como, rejeição e frustração. Por meio da doença, há uma direção desta emoção para algum órgão ou sintoma, após se manifestar, o organismo retoma sua atividade homeostática uma vez que, a nossa tendência é para a saúde (IVANCKO, 2006).

Diversas pesquisas atuais têm buscado aprofundar os estudos a respeito da relação que existe entre corpo e mente, tentando explicar e definir os modos de interação e execução de funções complexas. O objetivo, por vezes, volta-se para o entendimento das questões referentes ao processo de saúde-doença do ser humano. Pela literatura consultada, fica claro que a emoção engloba todo o corpo do ser humano, é algo subjetivo e que intervém em vários aspectos de nossas vidas. Essas emoções podem variar, sendo elas positivas ou negativas o que dependerá de cada ocasião vivenciada (ROAZZI, 2011).

Winnicott *et al.* (1994) nos traz a pele como sendo o primeiro e mais importante veículo que possibilita nosso contato com o meio externo. Com isso, fica evidente que as desordens psíquicas podem afetar de uma forma significativa o corpo externo, uma vez que, a pele pode ser considerada um órgão de relação e que através dela é possível que haja a delimitação do que é interno e externo e também sentirmos o ambiente através da mesma (DANILISZYN *et al.*, 2020).

METODOLOGIA

Para o alcance dos objetivos propostos nesse estudo, utilizou-se a pesquisa de campo, com a aplicação remota de um questionário estruturado, por meio da plataforma digital Google Forms, com a finalidade de obtenção de dados para uma discussão aprofundada sobre a influência do sofrimento psíquico no surgimento e desenvolvimento de doenças psicossomáticas de pele. Inicialmente foi aplicado o TCLE (termo de compromisso livre e esclarecido), também pelo Google Forms, onde eram esclarecidos os objetivos da pesquisa, informações gerais sobre a pesquisa e



sigilo das informações. Cada participante deveria aceitar o termo para dar continuidade à sua participação.

O presente estudo tem como base a pesquisa qualitativa, que é excepcionalmente válida quando se trata de assimilar aspectos psicológicos que não podem ser adquiridos por outros métodos devido à sua complexidade final, tais como emoções, compreensões, expectativas e valores (RICHARDSON, 1999). Após a obtenção dos dados, a pesquisa apresentará “os fatores determinantes para a ocorrência de um fenômeno, processo ou fato, ou seja, visa explicar o ‘porquê’ das coisas” (FONTELLES *et al.*, 2009, p. 6).

A população alvo deste estudo foi composta por 30 alunos de graduação da Faculdade Vértice - Univértix em Matipó, Minas Gerais. Foi utilizado o método “bola de neve” virtual. Por meio dessa técnica, os participantes iniciais do estudo apontam “novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o público pretendido” (BALDIN *et al.*, 2011, p. 332). A internet e as redes sociais virtuais permitem uma aproximação mais rápida e eficaz com os participantes do estudo. Em um estudo recente, Costa (2018) discute a utilização do método bola de neve de forma virtual e mostra que esse método permite, não só uma divulgação mais rápida, mas também, a

Comunicação entre os diversos agentes sociais – pesquisador e pesquisados –, a troca de informações – cientistas e/ou acadêmicos –, a observação de situações, comportamentos e temas, a distribuição de diretrizes, o campo para a coleta de dados, a divulgação dos resultados e a disseminação dos conhecimentos. (COSTA, 2018, p. 6).

Segundo a mesma autora, o método de levantamento de dados Bola de Neve Virtual começa com a criação e envio ou apresentação do link de acesso a um questionário eletrônico, que pode ser realizada por divulgação em redes sociais ou por e-mail. A divulgação dessa pesquisa acontecerá dessa forma e os questionários serão disponibilizados a cada participante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Não existe gênero, idade ou classe social que expliquem o surgimento das psicodermatoses. Elas podem ocorrer em qualquer lugar, com qualquer pessoa, em qualquer época da vida. O público-alvo desse estudo são adultos e idosos estudantes do Ensino Superior de uma Faculdade do Interior de Minas Gerais, ou seja, as informações citadas são referentes a essa população.

De acordo com os dados coletados foi possível observar que a maior parte das pessoas que sofrem com problemas de pele são mulheres. Em um grupo com 30 pessoas, 24 afetadas são do sexo feminino. Isso pode sugerir que mulheres sofram mais com as doenças de pele ou talvez, que haja mais liberdade para as mulheres expressarem sentimentos e as dificuldades associadas a essas questões. Em uma breve revisão pôde-se verificar que as dermatoses atingem de maneira vasta e contínua as mulheres, e que o nível de ansiedade nesses casos é menor que o de depressão. É importante destacar que as dermatoses costumam iniciar a partir da adolescência. (LUDWIG *et al.*, 2006).

Os distúrbios emocionais atuam como um papel fundamental, adiantando o começo, recaída ou agravamento dos sintomas, diferenciando das doenças que são orgânicas, contudo, elas podem acabar se transformando em doenças crônicas ou ter um curso essencial. Inclina-se a associar-se com demais distúrbios psicossomáticos (CABRAL *et al.*, 1997).

Ao verificar os dados por faixa etária, pode-se constatar que a maioria tem de 18 à 30 anos, conforme os gráficos de gênero e idade. Sendo 36,67% de 18 a 20 anos, 50% de 21 a 30, 10% de 31 a 40 e somente uma pessoa na categoria de mais de 60 anos, equivalente a 3,33%.

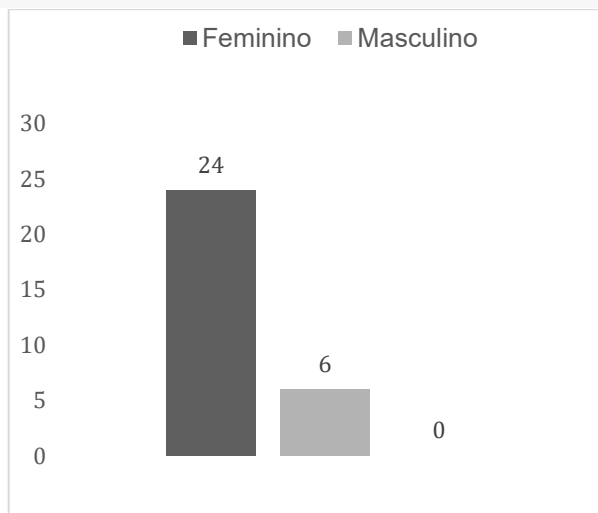


Figura 1: Gênero dos participantes entrevistados, sendo estes alunos da Faculdade Vértice – Univértix, Matipó – MG, 2021.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

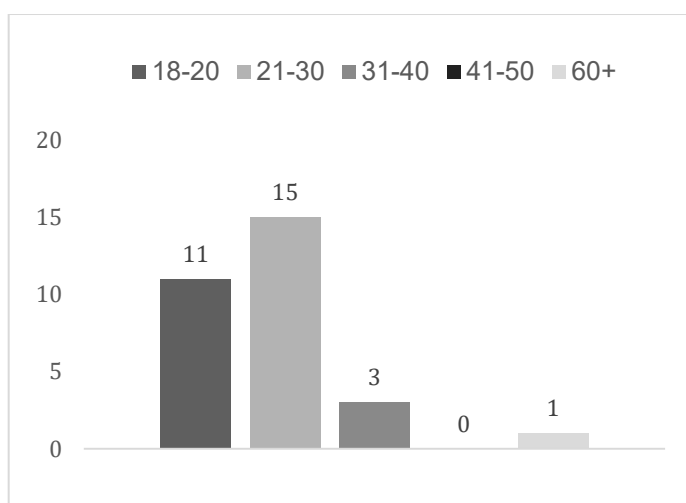


Figura 2: Idade dos participantes entrevistados, sendo estes alunos da Faculdade Vértice – Univértix, Matipó – MG, 2021.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dentre os estudantes que responderam ao questionário, a maioria é dos cursos de psicologia, odontologia e direito. O curso de Psicologia se destacou no número de participantes, dado que pode ser associado ao fato das pesquisadoras serem desse curso e, portanto, os questionários chegarem primeiro até essas pessoas.



Quando perguntadas sobre as doenças de pele, um número relevante (60%) de pessoas afirmou não apresentar. As 11 pessoas que responderam que têm ou que apresentaram em algum momento da vida, citaram herpes, vitiligo, psoríase, dermatite atópica e outras. O gráfico a seguir mostra essa distribuição por dermatoses citadas na pesquisa:

A herpes, mesmo sendo causada pelo vírus HSV-1, e já ter afetado grande parte da população com o mesmo, não significa que todos vão desenvolver a infecção, tendo em vista que “a infecção está diretamente relacionada a fatores emocionais como estresse, frustração, depressão e ansiedade, por exemplo” (SOARES, 2017, p.1). A propagação do vírus se dá pelo sistema nervoso e grande parte dos pacientes dizem apresentar sinais anteriores ao aparecimento da lesão, como coceiras, ardência e sensação de anestesia (SOARES, 2017).

A psoríase também é entendida como uma doença com fortes componentes emocionais. Segundo Souza *et al.* (2005), é possível observar que pessoas portadoras desta doença frequentemente apresentam índices elevados de ansiedade.

O vitiligo é o nome dado a uma dermatose que possui grande implicação psicossocial para os portadores, pois para os pacientes, as manchas, em geral, não são os fatores mais importantes da doença, tendo em vista que não ocasionam sintomas físicos, mas a interpretação que é feita a partir delas. Isso costuma gerar preconceito e estigmatização das pessoas que convivem com essa condição. Essa dermatose se tornou uma das mais intrigantes existentes, uma vez que apresenta poucos acometimentos cutâneos, sendo caracterizada por sintomas mínimos e por não causar prejuízos a integridade do paciente. Diante disso, muitos médicos a consideram, erroneamente, somente como questão estética (NOGUEIRA *et al.*, 2009).

Souza *et al.* (2005) ao observar relatos de pacientes que sofrem com psoríase e vitiligo, afirmou que a separação e/ou morte de pessoas da família é o possível fator desencadeante mais citado seguido de eventos estressores não previstos ou até mesmo características da própria pessoa.



A dermatite atópica é uma doença que se caracteriza por inflamação da pele, lesões e coceiras. Ela é uma doença alérgica e incurável. “A maioria dos pacientes e pais de pacientes com dermatite atópica nota que situações estressantes podem causar uma piora da doença”. Essas pessoas são vítimas de discriminação e preconceito e vivem quadros graves de ansiedade e depressão. Uma pesquisa realizada no Hospital das Clínicas de Porto Alegre aponta que cerca de 60% dos pais relatam discriminação. O preconceito e vários tipos de constrangimento surgem em todos os lugares. Os pacientes acabam por isolar-se, podendo haver importantes complicações em seu quadro, já que o estresse costuma ser associado a crises agudas da doença, com agravamento (AADA, 2020).

Daniliszyn *et al.* (2020) nos mostra que a dermatite atópica é mais presente em crianças, suas características incluem coceira de intensidade variada e atinge principalmente pessoas cuja família possua histórico de rinite alérgica ou a própria dermatite. Condições como estresse colaboram para o agravamento da coceira.

Segundo Calvetti *et al.*, (2017) o estresse psicológico pode modificar a divisão de danos físicos eventuais contra a derme, sendo assim, há evidências de uma função iminentemente patogênica das perturbações causadas pelo estresse psicológico no desenrolar ou no agravamento das doenças. Barlow (1993) aponta que fora os ocorridos estressantes da vida, existe a realidade de uma vulnerabilidade psíquica que é fundamental para que seja formado um transtorno de ansiedade.

A vulnerabilidade biológica se refere a uma propensão herdada a manifestar ansiedade. Tal resposta fisiológica não é muito específica, não pode ser determinada sozinha se uma pessoa vai desenvolver algum tipo de transtorno e qual será. A mesma condiz a uma percepção de contingência em relação ao mundo. Sendo assim, se um indivíduo tem componente biológico e juntamente desenvolve o componente psicológico, estará propenso a sofrer de um transtorno de ansiedade desde o princípio dos acontecimentos estressantes (CABRAL *et al.*, 1997).

Além das dermatoses já citadas, podemos apresentar, também, rosácea, acne, alopecia areata e líquen simples crônico como doenças cutâneas com o



surgimento e/ou progressão relacionados à sofrimentos mentais, podendo ser essas as denominações para as doenças votadas na opção “outras” do questionário dessa pesquisa.

Como citado anteriormente, a fragilidade emocional está relacionada diretamente ao aparecimento ou progressão das doenças de pele, sendo esta informação confirmada através das respostas, levando em consideração que 10 pessoas responderam sim e 8, às vezes, quando perguntadas se apresentam problemas emocionais antecedentes ao aparecimento das patologias.

O público questionado, em sua maioria, cerca de 18 pessoas, afirma possuir conhecimento de que os fatores emocionais estão relacionados ao surgimento de psicodermatoses. Isso nos mostra que há um maior acesso a esses conhecimentos e que, aos poucos, pode inclusive contribuir para um maior entendimento das pessoas sobre esses adoecimentos que possuem origens ligadas aos aspectos emocionais.

Azambuja (2015), nos mostra que “o estresse emocional costuma acompanhar os problemas dermatológicos e, por este motivo, influencia as alterações da pele”. Isso coincide com os dados levantados na pesquisa realizada. Importante ressaltar que de acordo com as respostas sobre alterações na pele em decorrência do estado emocional, a maioria afirmou que há mudanças quando está com humor alterado, e em estados tranquilos raramente surgem alterações.

Sabemos que manchas e lesões podem abalar muito a autoestima das pessoas, porém dos 30, mesmo os que não apresentam psicodermatoses, apenas 6 fizeram algum tratamento para tentar solucionar o problema. É notório que de acordo com as vivências e personalidade de cada indivíduo, o aparecimento de dermatoses pode influenciar a autoestima de forma negativa. A dermatose pode afetar a autoconfiança, trazer sentimentos que mudam sua destreza diante de acontecimentos simples. Vergonha e medo são sentimentos que podem aparecer, atrapalhando assim a vida social e sexual do indivíduo. (AZAMBUJA, 2015).

“Pacientes com vinculação insegura tendem a minimizar situações de estresse, quando em geral já existem manifestações físicas, procurando ajuda



apenas em situações extremas, e raramente confiando no profissional de saúde” (DIAS, 2007).

De acordo com Calvetti *et al*, 2017, pessoas que possuem suporte emocional de companheiro ou filhos, no ponto de vista de saúde, apresentam resultados positivos. Foram poucos os que citaram situações em que se constrangeram por decorrência das lesões na pele, fortalecendo assim a percepção de autoestima e autoimagem.

Souza *et al*. (2005), nos apresenta que a relação entre estresse e problemas emocionais demanda atendimento psicológico, tendo em vista que existe uma proximidade entre esses dois fatores no desencadeamento de psicodermatoses. Visto que é de suma importância o tratamento psicológico nesses casos, nota-se que mesmo sabendo que as aparições indesejadas na pele estão ligadas a fatores psicológicos, apenas 8 das 30 pessoas procuraram ajuda de profissionais da psicologia.

Segundo Alexander (1989) toda doença é psicossomática, pois, os fatores emocionais induzem todos os processos do corpo por meio de vias nervosas de humor e também através dos fenômenos somáticos e psicológicos que ocorrem no mesmo organismo e são pontos do mesmo processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi analisar a relação entre esses dois aspectos, entendendo as dermatoses e os fatores emocionais, buscando traçar relações que podemos estabelecer entre pele e psique. Entre as possíveis análises, buscou-se, neste estudo, perceber se há influências mútuas e analisar, dentre os dados coletados, quais são as pessoas mais afetadas, quais doenças predominam e se as pessoas envolvidas na pesquisa estavam cientes dessas relações e de possibilidades de tratamento que fujam da lógica biomédica apenas.

De acordo com os dados apresentados neste trabalho, foi possível observar que fatores emocionais influenciam consideravelmente o surgimento e progressão das dermatoses citadas. Sendo assim, se torna clara a importância de cuidar do



psicológico, uma vez que, possui grande peso sobre o aumento das mesmas. Grande parte dos estudantes não tinham conhecimento sobre esse vínculo pele e mente, diante disso, ao notarem aparições de tais doenças, as pessoas procuram primeiramente médicos ao invés de procurar ajuda psicológica. Portanto, este estudo pode servir como alerta, ajudar as pessoas a compreender o vínculo pele e mente e como consequência buscar tratamento.

Não existem, hoje, muitos trabalhos publicados nessa temática, o que nos leva a pensar em possibilidades de desdobramento dessa pesquisa. O contexto socioeconômico atual e todas as vivências ligadas ao isolamento e distanciamento social diante da pandemia mundial pelo novo coronavírus apontam para um cenário preocupante em termos de aumento do número de casos de estresse, ansiedade, depressão, entre outros adoecimentos psíquicos, o que pode vir a impactar de forma negativa nos agravos de psicodermatoses. Sugerimos pesquisas que façam essa relação entre mais de um ano de pandemia e o aumento das doenças de pele. Além disso é possível haver outros desdobramentos aprofundando em outros casos de doenças crônicas de pele e as questões emocionais associadas.

Diante de todas as questões trazidas, uma outra possibilidade de abordagem que nos inquietou foi a questão da padronização e da capacidade das pessoas de lidar com aquilo que é diferente. Percebe-se uma necessidade de aceitação da sociedade de que não há padrão, de que pessoas que sofrem com quadros de dermatose, independentemente de qualquer coisa, de qualquer sintoma, são pessoas que merecem respeito e amor e que precisam ser cuidadas. É importante considerar que as marcas que essas pessoas trazem na pele podem ser frutos de uma luta interna da pessoa contra algo que lhe trazia mal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AADA. 2020. À flor da pele. Associação de Apoio à Dermatite Atópica. Disponível em: <<https://www.aada.org.br/dermatite-atopica/a-flor-da-pele-2/>>. Acesso em: 03/06/2021.

ALEXANDER, F. **Medicina Psicossomática**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1989.



AZAMBUJA, R. **Psicodermatologia**: Pele, mente e emoções. Editora Ac Farmacêutica: Rio de Janeiro, 2015.

BALDIN, Nelma *et al.* Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **PUC-PR**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 329-341, nov. 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf> Acesso em: 17/10/2020.

BARLOW, D. H. **Clinical handbook of psychological disorders**. New York: The Guilford Press, 1993.

BRANDAO, R. Doenças psicossomáticas: o que é, quais tipos, sintomas e tratamento? Zenklub, Saúde e Bem-Estar, 2020. Disponível em: <<https://zenklub.com.br/blog/saude-bem-estar/doencas-psicossomaticas/>>. Acesso em: 06/06/2021.

CABRAL, Ana Paula Tolentino *et al.* O estresse e as doenças psicossomáticas. **Revista de Psicofisiologia (UFMG)**. Belo Horizonte, v.1, n.1, 1997. Disponível em: <<http://labs.icb.ufmg.br/lpf/mono1.pdf>>. Acesso em: 20/10/2020.

CALVETTI, Prisca Ücker *et al.* Aspectos biopsicossociais e qualidade de vida de pessoas com dermatoses crônicas. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 18, n. 2, p. 297-307, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/11/2020.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **RIGS - revista interdisciplinar de gestão social**, v.7, n.1, jan./ abr. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>>. Acesso em: 15/12/2020.

DANILISZYN, L *et al.* As cicatrizes que se vê: a relação entre dermatoses e psique. **XVIII Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 18 n. 1. Ponta Grossa, 28 a 30 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/1854>>. Acesso em: 05/06/2021.

DIAS, D. N. S., & OLIVEIRA, P. de T. R. de. Qual a relação entre a saúde e a doença? **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-45, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591201300020003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20/10/2020.

DIAS, H. Z. J.; Pele e psiquismo, psicossomática e relações objetais: características relacionais de pacientes portadores de dermatoses. **Pontifícia Universidade**

Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 01-153, dez. 2007. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/614>>. Acesso em: 10/11/2020.

FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, F. G. S. Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para a Elaboração de um Protocolo de Pesquisa. **Universidade da Amazônia – UNAMA**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf>. Acesso em: 27/09/2020.

IVANCKO, S. M. Uma compreensão psicossomática do órgão de choque através do trabalho com polaridades. Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação da PUC-SP, 2006. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15489>>. Acesso em: 06/06/2021.

LUDWIG, M. W. B., REDIVO, L. B., ZOGBI, H., HAUBER, L., FACCHIN, T. H., & MÜLLER, M. C. Aspectos psicológicos em dermatologia: avaliação de índices de ansiedade, depressão, estresse e qualidade de vida. **Psic: revista da Vetor Editora**, v.7, n.2, p.69-76, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-731420060002_00009&lng=pt&lng=pt>. Acesso em: 16/04/2021.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, v.20, n.1, Jan-Abr, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusf/a/FKG4fvfsYGHwtn8C9QnDM4n/?lang=pt>>. Acesso em: 06/06/2021.

MONTAGU, A. **Tocar – o significado humano da pele.** São Paulo: Summus, 1988. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Tocar.html?hl=pt-BR&id=UsJKWT_n--0C&redir_esc=y>. Acesso em: 05/06/2021.

NOGUEIRA, L. S. C.; ZANCANARO, P. C. Q.; AZAMBUJA, R. D. Vitiligo e emoções. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 84, n. 1, p. 41-45, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962009000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09/04/2021.

POOT, F; SAMPOGNA, F, & ONNIS, L. Basic knowledge in psychodermatology. **Journal of European Academy of dermatology and venereology**, v. 21, n. 2, p. 227-234. Blackwell Publishing Ltd, Oxford, UK, 2007. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17243959/>>. Acesso em: 05/06/2021.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
RIVITTI, Evandro A. Alopecia areata: revisão e atualização. **Anais Brasileiros de Dermatologia** [online]. 2005, v. 80, n. 1, p. 57-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0365-05962005000100009>>. Acesso em: 06/06/2021.

ROAZZI, Antonio *et al.* O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 51-61, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/10/2020.

SILVA, A. K.; CASTOLDI, L.; KIJNER, L. C. A pele expressando o afeto: uma intervenção grupal com pacientes portadores de psicodermatoses. **Revista Unisinos**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 01-11, janeiro-junho 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4498>>. Acesso em: 10/11/2020.

SILVA, J. D. T.; MÜLLER, M. C. Uma integração teórica entre psicossomática, stress e doenças crônicas de pele. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2007, v. 24, n. 2, pp. 247-256. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000200011>>. Acesso em: 10/11/2020.

SILVA, K. S.; SILVA, E. A. T. Psoríase e sua relação com aspectos psicológicos, stress e eventos da vida. **Estudos de Psicologia**. Campinas. v. 24, n. 2, p. 257-266, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000200012>>. Acesso em: 06/06/2021.

SOARES, G. Fator emocional auxilia na manifestação do herpes labial. **Jornal da USP**, 2017, São Paulo. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/fator-emocional-auxilia-na-manifestacao-do-herpes-labial/>>. Acesso em: 03/06/2021.

SOUZA et al. Associação de eventos estressores ao surgimento ou agravamento de vitiligo e psoríase. **UNISINOS**, v. 36, n. 2, p. 167-174, maio/ago. 2005. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1386>>. Acesso em: 03/06/2021.

TEIXEIRA, V. *et al.* Impacto psicossocial da acne. **Revista SPDV**, Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra, v.70, n.3, Portugal, 2012. Disponível em: <<https://revista.spdv.com.pt/index.php/spdv/article/view/4/4>>. Acesso em: 05/06/2021.

TROMBINI, G.; BALDONI, F. 2004. **Distúrbios Psicossomáticos**. São Paulo: Paulinas, 175p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Rh9OHJbfzRoC&oi=fnd&pg=PA7&ots=sagsQt-7n-&sig=rxmEAWve2K-y50jRD0POZgxFGkk&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05/06/2021.

UYSAL, P. I. *et al.* Rosácea associada a risco aumentado de transtorno de ansiedade generalizada: estudo caso-controle de prevalência e risco de ansiedade em pacientes com rosácea. **ABD**, Turquia, v. 94, p. 704-709 (01 nov. 2019).

Disponível em: <<http://www.anaisdedermatologia.org.br/en-rosacea-associada-risco-aumentado-transtorno-articulo-S2666275219300591>>. Acesso em: 05/06/2021.

WINNICOTT C., SHEPHERD, R &. DAVIS, M. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

YOSHINAGA, I. G.; GALIAS, I. A pele que somos e a pele que sentimos: Pele - símbolo - consciência. **Junguiana**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 77-88, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/11/2020.